

ENTREVISTA COM VERA DO VAL

Por Allison Leão¹

Neste número, *ContraCorrente* entrevista Vera do Val, escritora de origem paulista radicada em Manaus há dez anos. Autora de *Histórias do Rio Negro* (2007), e *O imaginário da floresta* (2007), entre outros, Vera alcançou reconhecimento nacional tão logo surgiu no mercado editorial. Seus contos são marcados pela presença de personagens femininos complexos e comoventes que se entrelaçam na teia elaborada pela autora. Há que se destacar, ainda nesses contos, a habilidade da prosadora, o que se nota pela linguagem ao mesmo tempo comunicativa e sofisticada, além de seu encanto pela imagem do rio e pela Amazônia de maneira geral. Autora premiada, Vera do Val ganhou o Prêmio Jabuti de 2008 (categoria conto e crônica, com *HRN*) e o Prêmio Literário Cidade de Manaus de 2007, com o mesmo título.

Allison Leão: Este número de *ContraCorrente* destaca o tema do feminino. Em suas *Histórias do Rio Negro*, grande parte dos contos recebe por título um nome de mulher, além de as figuras femininas de alguma maneira nortearem quase todas as narrativas. Você pode falar um pouco a respeito desse aspecto do livro?

Vera do Val: É verdade, o livro todo é um universo feminino. Foi uma opção por retratar mulheres, embora, de início, não tenha sido consciente, ou seja, não era uma determinante. Mas elas foram explodindo nos contos, saindo das suas tocas e expondo suas histórias. As mulheres vão se destacando na paisagem, elas são a floresta emprenhada pelo Negro, as curuminhas emprenhadas pelo Boto. Não são vítimas, todas deslizando nas beiradas das águas, jamais à deriva, sabem muito bem aonde querem chegar, mulheres simples, mas jamais simplórias, com a esperteza que a vida lhes dá. E na luta pela conquista acabam por ser sobreviventes. Sempre altivas, no comando da ação. Eu as amei uma a uma, Rosalba com sua sensualidade, Irerê com sua ambição, Maria Saúva e a tragédia, Alzerinda e a tristeza da

inveja, mas, principalmente Dorvalice. Dorvalice ainda hoje me deixa comovida com sua solidão. De todas, é a de que mais gosto.

AL: Ainda ligada ao tema da revista, está a questão da autoria feminina. De modo geral e por várias razões, a contabilidade é desfavorável às autoras, no plano da produção, se comparada ao número masculino. No Brasil, esse fenômeno se acentua. E no Amazonas, essa produção ainda é mais rarefeita. Como você avalia sua posição, enquanto autora, no cenário desse problema?

VV: Eis aí uma pergunta difícil. Eu não enxergo muito essa coisa de escritor masculino ou feminino. Eu vejo o escritor. E me vejo como "escritor". Se uso saia ou não é coisa de menor importância. Mas entendo sua pergunta. No Brasil tudo é novo. E os homens saíram na frente, mas as mulheres chegam lá. No Amazonas temos para um Thiago de Mello uma Astrid Cabral. E existem várias excelentes autoras aqui. O espaço editorial amazonense é minúsculo. Não fosse o heroísmo da Editora Valer estaríamos, a maioria de nós, a ver navios. E a Valer jamais selecionou suas edições por sexo. Como já disse, o homem saiu na frente. Mas esta é outra história. Uma história cultural.

AL: Esses elementos (masculino e feminino), embora diferentes, na verdade, não estão isolados, e quando digo isso estou pensando nas relações entre ambos traçadas pelo seu livro *Histórias do Rio Negro*. Afinal, o Negro atravessa essas narrativas como figura masculina poderosa. Como você buscou constituir essa relação (masculino e feminino)? E qual o papel do rio nessa constituição?

VV: O *masculino* e o *feminino* são complementares. O Negro é o macho fertilizador de toda nossa cultura amazonense. Jamais domado. Ele tem sido violado, conspurcado, até esquecido, mas continua lá. Incólume. Para mim diante da majestade do Negro, o Solimões desaparece. É um turbulento garoto de fraldas. E o Negro corre nas veias das mulheres

ribeirinhas. Dirige suas vidas, acaricia suas entranhas, alimenta seus filhos e engole seus maridos. O Negro é a matriz da vida amazonense, daí seu papel central neste meu livro.

AL: Além do rio, outro lugar figurado em seu livro, porém agora de modo mais oblíquo, é a cidade. Como tem sido sua experiência nesse contato com Manaus? De que forma isso foi importante para a composição dos contos? Se escrevesse hoje, essa experiência teria o mesmo impacto para a elaboração dos textos?

VV: Teria sim. Minha fascinação continua a mesma. A cidade, Manaus, não me importa nem um pouco. Ela é só uma contingência, um figurante. A floresta, as águas, esse cintilar de azul do céu e o amarelo causticante do sol, isso é o meu Amazonas. É deles que vem minha literatura. A cidade é só periferia.

AL: A propósito, fale um pouco de sua experiência como uma autora que migra, que viaja para outra terra e passa a compor uma representação dessa nova terra. Há encantos e desencantos nessas viagens?

VV: Na verdade a autora não migrou. Antes de chegar aqui, em 2002, eu jamais havia escrito sequer uma linha literária. Minha profissão ficava a anos luz da escrita. Leio desvairadamente desde os cinco anos de idade, mas jamais havia escrito. E também não sei dizer como comecei. Talvez a solidão. Vim para Manaus aceitando um convite de trabalho, vim sozinha. Morava só. Não tinha amigos aqui. Então, inadvertidamente, me voltei para a escrita. Até aquele momento, vivia os desencantos do Amazonas, então começou a grande viagem.

AL: Certa vez, em uma palestra na Universidade do Estado do Amazonas, você contou que muito do que consta em *Histórias do Rio Negro* teve origem em conversas tidas com as pessoas da cidade. Comente a relação entre a oralidade popular e a literatura, ou melhor, a *sua* literatura.

VV: Minha literatura é toda oral. Na época em que escrevi o *Histórias do rio Negro*, convivi muito com gente muito simples, operários da construção civil. Gente do interior, falando do Purus, meninas perdidas, velhas benzedoras e do rio matador. E gosto de gente simples, sempre conversei com eles. E na hora da “boia” as histórias começavam a se desfilar. E fiquei maravilhada, minha imaginação “pirou”. No começo as histórias saíam “duras”, era uma paulista com seu vocabulário paulista, querendo se meter a contar sobre coisas que não eram dela. De repente “virei” amazonense. Impregnou na pele, grudou. Comecei a pensar em “amazonês”. Então tudo ficou mais fácil, eu me sentia amazonense, navegava pelos rios me perdia pelas florestas. E a literatura fluiu.

AL: Para finalizar, fale um pouco de seus outros projetos. Você escreve também Literatura Infantil. O que tem feito e o que pretende fazer nesse e noutros gêneros literários.

VV: Escrevo muito mais Literatura Infantil. Tenho vários livros publicados nesta área, um deles inclusive adquirido pela Secretaria de Educação do Estado de SP para suas escolas. Recentemente, agora em 2012, o MEC adquiriu 56 mil exemplares de *Histórias de bichos brasileiros* para espalhar por todas as bibliotecas do Brasil. Infelizmente essas coisas não acontecem aqui no Amazonas, com uma política cultural que anda de costas para a Literatura. O livro é um objeto esquecido pelo Governo daqui e quando ele, o Governo, se propõe a fazer alguma coisa em prol da Literatura é um espetáculo “fashion”, vazio do popular, sem profundidade, só oba-oba. Aliás, o “fashion” domina a política cultural do Estado do Amazonas. Não há muito conteúdo, nem intenção de seriedade. Só lantejoulas. É uma pena, os escritores amazonenses mereciam mais. Mas eles, estes escritores, caminham determinados em rotas solitárias, afastados do poder público e, quiçá, isso acabe por ser benéfico para eles.

Estou trabalhando em um infanto-juvenil que trata das histórias de

uma série de tuxauas que lideraram suas tribos contra a usurpação branca. Do Oiapoque ao Chuí. Trabalho também em um livro adulto, cujo nome, ainda não definitivo, será *Bezame mucho*. São contos e também, estes sim, histórias de mulheres. Ainda há muito que escrever...

Notas

1 Allison Leão é professor de Literatura Brasileira, Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), professor do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes na mesma instituição e do Programa de Pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Em 2002 concluiu o Mestrado em Sociedade e Cultura pela UFAM, quando estudou representações da cidade na poesia de Aldísio Filgueiras. Em 2008, defendeu a tese *Representações da natureza na ficção amazonense* no Poslit/FALE/UFMG, doutorando-se em Literatura comparada. É autor de *Jardim de silêncios*, *O amor está noir* (contos) e *Amazonas: natureza e ficção* (ensaio).